

## **SIMPÓSIO AT210**

### **A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA NO PRAZER PELA LEITURA**

ECKHARDT, Gisele Arruda  
UERJ/FFP  
gisele Eckhardt@hotmail.com

#### **Resumo**

Este trabalho advém de pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e experiências com o ensino fundamental em uma escola municipal localizada em São Gonçalo. A princípio, meu objetivo era tentar compreender as dificuldades dos aprendizes na compreensão e produção textual. Todavia, após ser sensibilizada com a narrativa de Petit (2010), minha perspectiva mudou, porque entendi que, antes de tudo, precisava apresentá-los à leitura de uma forma sedutora, prazerosa e interior, de forma que a literatura pudesse ser sentida – algo que, segundo Petit, foi por muito tempo ignorado na escola (PETIT, 2010, p.63). Ou seja, os educandos precisavam ter uma experiência literária (LOPES, 2003). Portanto, em decorrência das reflexões feitas, houve uma transformação em minha prática na forma que lido com a leitura em sala de aula: agora há espaço para a oralidade, mediante a escuta e a expressão de seus pontos de vista e, nesse sentido, percebo que os discentes não apresentam mais medo de se manifestarem. Sendo assim, como metodologia, utilizei a pesquisa-ação, dado que reflito sobre a minha prática e, através disso, procuro transformá-la. Ademais, como gênero escolhido para envolvê-los, optei pelos contos de fadas, considerando a atemporalidade, os dilemas humanos e a capacidade de alcançar gerações. A esse respeito, Zilberman (2003, p.132) discorre que a literatura infantil “é necessariamente formadora, mas não educativa no sentido escolar do termo (...). Nessa medida,

o gênero pode exercer o propósito de ruptura e renovação característico da arte literária”. Sendo assim, verifico um progresso em minhas aulas na relação que os alunos têm com o texto, vivenciando-o, sendo tocados pela história contada e reconhecendo-se protagonistas do conto, dado que “tornando-se leitor, cada um passa a ser ator e autor da própria vida” (PETIT, 2010, p.131).

**Palavras-chave:** Contos de fadas; Oralidade; experiência.

**Abstract:**

This work comes from a research accomplished in a Professional Master's Degree in Arts (PROFLETRAS) and experience with the middle school in a local school located in São Gonçalo. Initially, my goal was to try to understand the learners' difficulties in textual understanding and writing. However, after being touched by Petit's narrative (2010), my perspective changed, because I understood that before it all, I need to present reading to my students in an attractive, pleasant and inner way, so that literature could be felt – something that according to Petit was disregarded during a long time at school (PETIT, 2010, p.63). In other words, students required to have a literary experience. (LOPES, 2003). Therefore, as a result of the reflections made, there was a change in my practice in the way that I deal with reading in classroom: now there is space for orality, through listening and expression of their points of view and, in this regard, I realize that the learners do not show any more fear of showing their intentions. Therefore, as methodology, I used action research, considering that I ponder about my practice, and through this, to make it different. Furthermore, as genre chosen to engage the students, I opted for fairy tales, taking into account their atemporality, human dilemmas and their capacity of reaching generations. In this regard, Zilberman (2003, p.132) says that children's literature 'is necessarily former but not educational in the school meaning (...). To that extent, the genre can fulfill the purpose of disruption and renewal specific of literary art'. Thus, I remark a progress in my classes in the

relationship that the students have with the text, feeling it, being touched by the story told and recognizing themselves major players of the tale, since that 'becoming a reader, everybody becomes an actor and author of his/her life'.

**Keywords:** Fairy tales; Orality; literary experience.

## Introdução

Este trabalho é resultado de uma dissertação de mestrado que aborda a ressignificação da leitura através da contação de histórias. O objetivo foi aperfeiçoar a prática de leitura dos educandos. Para alcançar tais propósitos, identifiquei as experiências e crenças sobre a leitura da turma e desenvolvi atividades de compreensão textual diferenciadas, com o intuito de propiciar a experiência literária.

A motivação para a pesquisa surgiu em decorrência de o incentivo à leitura permear os currículos escolares e políticas públicas educacionais e, ainda assim, nem sempre obtermos êxito em sala de aula em desempenhar o papel de mediador entre o aluno e o texto. Com base nisso, questionando a minha própria práxis, almejei mudanças em mim, como docente, e nos meus alunos. O que eu poderia fazer para que meus alunos tivessem interesse na leitura?

Através das aulas no Mestrado Profissional, as discussões com os colegas de turma e as leituras feitas, delimito meu caminho a ser seguido, ressignificando o meu olhar sob uma nova perspectiva: era necessário que os alunos fruissem no texto (FERES, 2011). Ou seja, eu precisava desconstruir a visão deles de que a leitura era monótona e que poderia ser fonte de descobertas, alegrias, tristezas, isto é, os meninos precisavam de um encontro íntimo com a leitura (PETIT, 2009;2010); serem tocados pelo texto literário.

A grande questão era como eu ocasionaria isso. Após muitas reflexões, descobri que a narrativa era uma forma de ressignificar o ato de ler, afinal, tudo iniciou com a contação de histórias, porque o ser humano sempre teve a necessidade de fabular. Nesse sentido, resgatei primeiramente em mim, minhas memórias de quando eu era criança e minha mãe sempre me contava contos de

fadas. Relembrei o quanto eu amava esses momentos e mesmo naquela época em que não tinha o livro, devido à situação financeira, aquelas experiências foram fundamentais para incentivar o meu gosto pela leitura.

Desse modo, levando em consideração as minhas experiências e o desejo de ocasionar mudanças positivas em um contexto de comunidade, em que muitos não liam, foram aplicadas atividades interventivas em turma de 6º ano do ensino fundamental, na rede estadual.

## **1. Oralidade, leitura literária e contos de fadas**

Tudo começou com a voz. Antes de haver pergaminhos, manuscritos, livros ou a internet, havia os contadores de histórias. Eram pessoas que ao entrar em contato com alguma narrativa, guardavam-na em suas memórias, e a recontavam para o seu grupo ou clã. Era possível que pudessem mudar alguns detalhes, mas o fato era que aquela história não morria (HUECK, 2016). Permanecia de geração em geração.

Havia algo mágico que seduzia aquele que ouvia a história. Encantamento. Uma boa história era capaz de reunir pessoas. Mas, no decorrer dos séculos, perdeu-se essa tradição e a oralidade foi silenciada. Tal afirmação encontra eco em Ferrarezi Jr. (2014) o qual tece considerações sobre o tema e constata que a trajetória escolar é permeada pelo silenciamento, em especial, do aprendiz.

Cumprido acrescentar que defendo na pesquisa a relevância da utilização dos contos de fadas em sala de aula, como gênero selecionado para o engajamento dos alunos e, ao mesmo tempo, o fomento ao letramento crítico, em razão desse gênero favorecer múltiplas (re)leituras e ensinar uma (des)construção de suas realidades.

A partir da contação de histórias de contos de fadas em suas versões tradicionais e contemporâneas, bem como a reflexão e questionamentos estimulados, pretendi ocasionar um estranhamento dos alunos frente aos textos ouvidos e lidos e, mediante isso, atuar como mediadora, nas questões que surgiram, impulsionando-os a fazerem suas próprias inferências e

formarem suas suposições, para que, *a posteriori*, através de suas apropriações pudessem produzir textos que reverberassem sua criticidade frente às leituras realizadas, levando em conta suas concepções de mundo.

## **2. Avaliação das necessidades da turma e realização de oficinas que propiciassem a experiência literária**

A fim de desenvolver as atividades interventivas, em primeiro lugar, foram aplicados e analisados questionários que buscavam averiguar a percepção e/ou hábitos dos discentes sobre o ato de ler. Nesse sentido, evidenciei que grande parte da turma nunca havia tido uma experiência literária ou alguém que lhes tivesse contado história.

Soma-se ao que foi exposto, a utilização da sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) como instrumento para dar suporte à realização de oficinas. Cabe ainda salientar que a proposta dos autores foi adaptada consoante o contexto da turma. A produção inicial, por exemplo, não foi realizada, haja vista o desconhecimento dos alunos acerca do gênero conto de fadas.

Ao todo foram realizadas nove oficinas bastante multifacetadas. Todavia, ressalto que um ponto em comum em todas elas são os postulados de Petit (2009;2010) e Pennac (2003), visto que instigaram a proposta de resgatar a oralidade, a qual, atualmente, é bastante valorizada em minhas aulas.

## **3. Atividades de compreensão textual diversificadas**

Tendo em vista que tudo é feito com a linguagem e pela linguagem, intentei demonstrar de forma subjetiva aos educandos que a todo instante interpretamos o mundo que nos cerca. Em razão disso, foram criados jogos acerca das histórias contadas, atividades que utilizassem a tecnologia, exercícios por escrito, cruzadinha etc.

O propósito foi suscitar um novo olhar sobre a língua portuguesa e os textos, uma vez que a prioridade foi a contação de histórias e o resgate do

encantamento; transformar a visão do educando de que ler era algo “chato” para prazeroso.

Como os discentes não estavam muito habituados a terem alguém lhes contando histórias, no decorrer desse processo, eles almejavam dialogar e com isso pude ouvir as vozes outrora silenciadas. Vale ressaltar também que essa troca foi construtiva para a minha prática pedagógica. Fiquei mais atenta ao contexto de cada turma e aluno.

### **Considerações finais**

Através de um encontro com as propostas de Petit (2009; 2010), descobri o percurso a seguir: o resgate da oralidade, através da contação de histórias. Confesso que fiquei surpresa por grande parte dos alunos nunca terem tido essa experiência. A partir de então, a mudança iniciou em mim.

Obter a atenção de uma turma de 6º ano com mais de trinta alunos era uma dificuldade presente nas aulas. Através dos pressupostos da pesquisa-ação, com a prática interventiva, consegui com o auxílio da sequência-didática também, criar a melhor forma de incentivar a turma, de acordo com suas necessidades.

A fim de ter êxito na contação de histórias, os alunos não tinham acesso ao texto no momento. Acredito que essa foi a grande descoberta que fiz: a sedução através dos ouvidos. Os alunos tinham que calar para ouvir e entender. Como eles não estavam muito acostumados com alguém lhes contando histórias, ficaram curiosos.

Através das oficinas, a mudança da minha prática ocasionou um relacionamento melhor com os alunos e entre eles próprios. Ao refletirmos juntos sobre diversas questões de gênero, cor, raça etc., e eles contribuírem, sentiram-se felizes por serem capazes de dizer algo relevante.

Na minha aceção e em concordância com Petit (2009, 2010) e Lopes (2003), a experiência literária tem o poder de transformar aquele que a vivenciou. Portanto, julgo que esses meninos da 601 jamais verão a leitura da mesma forma que antes. Ainda que nem todos se tornem leitores assíduos,

alguns sempre se recordarão da prática da contação de histórias e de que ler é encantador.

## Referências

FERES, Beatriz. **Leitura, fruição e ensino com os meninos de Ziraldo**. Niterói: Editora UFF, 2011.

FERRAREZI Jr., Celso. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas**. São Paulo: Abril, 2016.

LOPES, Silvina Rodrigues. **Literatura, defesa do atrito**. Lisboa: Vendaval, 2003.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010. 2ª edição. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.